

# Representação e diferença: um estudo sobre as guardas de congada do município de Sete Lagoas, Minas Gerais

**Taís Diniz  
Garone**

Graduanda do  
Curso de Ciências  
Sociais / UFMG

**RESUMO:** Este ensaio tem como objetivo analisar “o modo pelo qual um grupo social representa a si mesmo”, a partir de entrevistas e observações diretas das diversas guardas de congada do município de Sete Lagoas, Minas Gerais. Procurei identificar as formas de representação da diferença entre tais guardas, através de um “trabalho de campo exploratório” (Marconi & Lakatos), tendo em vista que sua natureza se manifesta de forma relacional. Afinal, como nos sugere Stuart Hall (1994), as práticas de representação sempre variam de acordo com as diferentes maneiras que nos posicionamos, e que somos posicionados, na nossa relação com os outros.

**Palavras-chave:**  
catolicismo popular,  
comunidades bairristas,  
representação, diferença e diáspora.

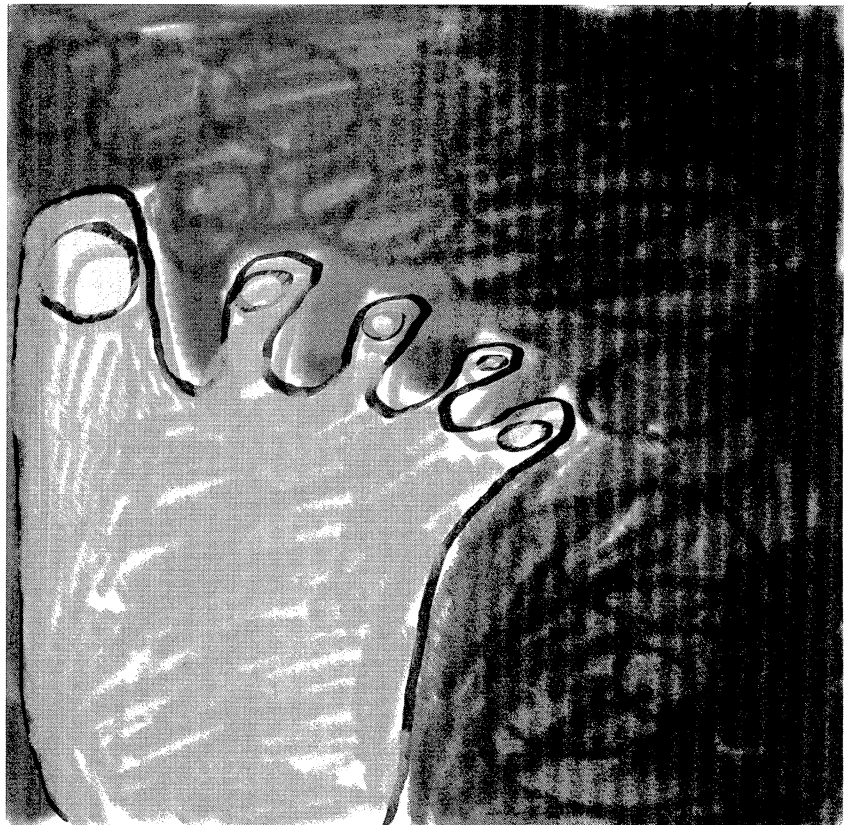
## **As guardas de congada em seu contexto na cidade de Sete Lagoas**

No mês de maio de 2003, tive oportunidade de acompanhar as apresentações de certos grupos rituais de dança, conhecidos como “guardas de congada”, em virtude das comemorações da festa de Santa Helena e Santa Cruz na cidade de Sete Lagoas, Minas Gerais. Tal festa, mais popularmente conhecida como “festa da serra”, tem tradicionalmente a duração de nove dias, sendo que no sétimo dia, que deverá cair sempre num sábado, um cortejo com várias “guardas de congo”<sup>1</sup>, e algumas “guardas de moçambique”, parte do centro da cidade em direção ao alto da Serra de Santa Helena, para que, lá de cima da serra, cada guarda recite sua “embaixada”<sup>2</sup> em frente à capela de Santa Helena. Esta festa de Santa Helena e Santa Cruz é um dos acontecimentos religiosos de maior repercussão em Sete Lagoas, e foi através deste evento que tive notícias da existência desses grupos rituais de dança. Todos os anos centenas de pessoas vão à Serra de Santa Helena assistir as apresentações das guardas de congada. Tais apresentações fazem parte do que Mário de Andrade classificou como “danças dramáticas” e são essas mesmas apresentações que Edílson Carneiro e os folcloristas contemporâneos preferem chamar de “folguedos”.

Acompanhar o cortejo da festa de Santa Helena

e Santa Cruz foi uma experiência muito impressionante, afinal de contas, a subida é bastante “puxada”, e as mais de vinte guardas rumaram para Serra de Santa Helena a dançar e a tocar ininterruptamente. Foi a partir desse evento que tive idéia de fazer uma pesquisa sobre representação e diferença entre os grupos de dança da congada do município de Sete Lagoas, sendo minha ida a referida festa minha primeira “observação direta assistemática” deste meu “trabalho de campo exploratório” (Marconi & Lakatos, 1996).

No começo de setembro desse mesmo ano, fiz contato com Dona Maria, a rainha conga da guarda Santa Rita do bairro Esperança. Minha estratégia de aproximação foi devolver algumas fotografias da sua guarda que eu havia tirado no



jem no entendimento desses sistemas religiosos comunitários.

Não obstante, e a despeito da minuciosa organização das guardas, o público que em geral prestigia as apresentações da congada demonstra ter uma relativa dificuldade em identificar a especificidade dos grupos, bem como de compreender a tradição em que as guardas de congada se inserem. Parte desta dificuldade pode ser explicada pela riqueza de detalhes previstos na tradição dessa dança e pelo contexto dos eventos que os congadeiros costumam se apresentar. Em Sete Lagoas, os acontecimentos religiosos de maior repercussão sempre contam com a participação de diferentes agentes do catolicismo popular como fogueteiros, congadeiros, carolas, romeiros, capelões, além da não tão rara participação de agentes eclesiais. Tamanho ecletismo provocará repetidas confusões por parte do público. Até mesmo o locutor da festa da serra desse ano, que deve ser sempre uma pessoa "esclarecida no assunto", chegou a confundir a apresentação de uma guarda de congo com uma apresentação de moçambique. Segundo ele a confusão "era porque a roupa parecia".

No entanto, para os dançantes da guardas não só as diferenças entre os grupos são bem mais visíveis, como é fundamental a sua observância. Na festa da serra, por exemplo, antes da apresentação da embaixada de cada guarda, o locutor deve sempre ter o cuidado de anunciar no microfone a especificidade do grupo que irá se apresentar: de que bairro ou distrito provém a guarda, seu fundador, o ano de sua fundação, as características do bailado, enfim, um conjunto de informações para que espectadores e protagonistas possam se situar diante da apresentação. Essa apresentação prévia é de suma importância para os congadeiros, pois nesse momento são condecorados os regentes das guardas pelo trabalho que vêm desenvolvendo, são homenageados os fundadores das guardas, muitos deles já falecidos, são apresentados os novatos e são presenteados os mais velhos com uma imagem da Santa Helena.

Os congadeiros utilizam muitos mecanismos para demarcação das diferenças entre os grupos de dança da congada, e mesmo se apresentando em eventos, por assim dizer, "carregados de referências", há o interesse, por parte dos dançantes, e até mesmo uma manipulação ritual para que o público consiga perceber as particularidades de cada grupo. Dentro dos eventos do congadeiros, as guardas de congada se distinguem por vários aspectos como musicalidade, tipo de bailado, roupas, emblemas, nomeação, entre outros. Já em relação aos moradores dos bairros mais valorizados, ou seja, a elite setelagoana, ser congadeiro é ter orgulho de ser descendente dos povos africanos, que foram trazidos para o Brasil na condição de escravos. Em nossas conversas, Dona Maria, rainha conga da guarda Santa Rita, sempre se referia aos seus companheiros de guarda como

"uma gente escura, mas de muito valor". E, de maneira geral os congadeiros fazem sempre bastante questão de enfatizar que a dança da congada é um "costume muito antigo, desde os tempos do cativo".

Para as pessoas mais ricas da cidade, os festejos dos congadeiros, quando não são invisíveis, representam o "atraso", a "crendice" ou o "folclore de Minas". Pode-se dizer que existem, entre as pessoas da elite setelagoana, basicamente dois tipos de posicionamentos frente às festas dos congadeiros: ou se é indiferente, ou se aposta no "exotismo" das manifestações religiosas "dos pretos".

Todavia, a dinâmica que envolve a organização das festas dos congadeiros é muito mais complexa do que se possa supor, pois é através da memória da escravidão dos seus ascendentes que os congadeiros têm feito à crítica aos processos históricos pelos quais os negros têm passado em solos americanos. Suas falas, letras de músicas e versos de embaixada estão repletas de alusões à deportação atlântica dos negros, às humilhações da escravidão e à condição de miséria das suas famílias. Como exemplo desse posicionamento crítico, cito um fragmento da fala do locutor da festa da serra de 2003:

*"Cada congadeiro traz no peito um rosário, símbolo maior de cada um, marca registrada na luta dos escravos, na busca da liberdade (...)"*

Carlos Rodrigues Brandão (1998), escrevendo sobre as teorias da história de Walter Benjamin, nos mostra como o passado das pessoas, através da memória, é importante na construção da vida. Para Benjamin a geração atual tem uma espécie de "dívida solidária com o passado". De alguma forma as expectativas da geração passada não foram realizadas por injustiças históricas. Esta não realização das expectativas da geração passada é que atua na memória das pessoas, e não a tradição cultural composta do que foi realizado. Por isso a memória não impele as pessoas à simplesmente repetir o passado, mas a buscar novas formas de vida que levem em consideração as injustiças no projeto da geração passada. Nesse sentido, a memória tem uma carga sentimental muito grande.

Contudo, é preciso não perder de vista que, como nos mostra muito apropriadamente Mário de Andrade (1982), a dança da congada comporta tradições culturais de diferentes povos; como os povos europeus, especialmente os latinos, povos americanos e várias etnias africanas, já que a cultura afro-brasileira só se definiu enquanto tal a partir de articulações e desarticulações criativas de elementos de várias culturas. Como nos coloca Pierre Sanchis:

*"Ao contrário de certa visão folclorizante, o mundo religioso afro no Brasil não constitui somente permanência, cópia ou repetição. Também ele vive, quer dizer, se recria constante, dinâmica e conflitualmente, segundo um eixo complexo de representação identitária que, algumas vezes, o faz reivindicar a autenticidade dos "fun-*

damentos" da sua tradição, outras vezes o joga nos caminhos da assimilação de outras influências, latentes ou ativamente presentes no espaço religioso do Brasil" (Sanchis, 2003:21)

Na verdade, a religiosidade afro-brasileira não se faz a partir de uma leitura ou de uma interpretação livre dos acontecimentos. O que se pode observar é uma estrutura cognitiva e sentimental "aberta à contingência", como diria Sahlins. Lévi-Strauss (1987) escreveu que não existem culturas isoladas, o que existe são *afastamentos diferenciais* das culturas: as verdadeiras contribuições das culturas entre si. Nestes termos a ação criativa de uma cultura depende da diversidade cultural da humanidade, sendo a própria tradição da dança da congada marcada por "pontos de similaridade" e "pontos críticos de diferenças" (Hall, 1994) entre as guardas particulares e suas diversas influências culturais.

É este relacionamento dialógico, entre os vetores "similaridade e continuidade" e "diferença e ruptura", que atua na construção das diversas imagens forjadas por cada grupo de dança da congada. Nossa Senhora do Rosário é grande patrona de todos os dançantes da congada, mas somente os moçambiqueiros, como disse Dona Maria, minha entrevistada, conseguiram resgatá-la "detrás do monte".<sup>10</sup>

*"Tem o grupo negro (Moçambique), né. Tem o grupo que é negro, é ele que abre a porta da igreja. Nossa Senhora do Rosário só acompanha eles. Porque eles que tiraram ela detrás do monte. Eles que tiraram ela, ela é do lado dos negros. Eles viram ela, foram lá e buscaram ela, ela é companheira deles. É só eles que podem tirar, mais guarda nenhuma tira,*

*só os preto. Aí vai a guarda de só gente preta buscar ela na igreja."*<sup>11</sup>

Quando Dona Maria se refere a "guarda de só gente preta", esta imagem não evoca apenas, por assim dizer, o "tom da pele" dos dançantes, mas uma maneira particular de se vestir, tocar e dançar. Nesse sentido, para ser um moçambiqueiro é preciso trajar saio, ter chocalhos amarrados à canela e dançar batendo os pés, ao som de um "ritmo quente", produzido por variados instrumentos de percussão. O conjunto dessas características é que fazem dos moçambiqueiros, a "ala mais africana do congado".

Já os dançantes do congo trajam capes na cabeça e dançam arrastando os pés, ao som de outros ritmos, produzidos tanto por instrumentos de corda quanto de percussão, sendo essas as características que marcam a especificidade das guardas de congo.

Estes diferentes estilos de se dançar a congada desencadeiam uma série de procedimentos rituais e orientam a disposição das guardas, e dos dançantes, tanto no plano espacial quanto temporal, sistematizando o conhecimento do conjunto de todas as relações entre os símbolos e os procedimentos rituais das congadas.

Enfim, neste breve ensaio pude apresentar algumas notas a respeito de um grupo social, os congadeiros de Sete Lagoas, que, embora compartilhando de um mesmo universo simbólico - o catolicismo popular no seu contexto relacional ao mundo africano e à diáspora africana -, não representam a si mesmos de uma maneira coesa e idêntica, mas, ao contrário, nesta representação, falam e expressam com vigor as diferenças internas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. 1998. "A Dívida Solidária como Passado". In *Memória e Sertão*. São Paulo, Editora Cone Sul.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. 1985. *A Memória do Sagrado*. São Paulo, Edições Paulinas.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. 1980. *Os Deuses do Povo*. São Paulo, Editora Brasiliense.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. 1981. *Sacerdotes da Viola*. Petrópolis, Editora Vozes.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1996. "O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir e Escrever". In *Revista de Antropologia*, USP: 39(1).
- DE ANDRADE, Mário. 1982. "As Danças Dramáticas do Brasil". In *As Danças Dramáticas do Brasil - 1º Tomo*. Belo Horizonte, Editora Itatiaia Ltda.
- DE ANDRADE, Mário. 1982. "Os Congos". In *As Danças Dramáticas do Brasil - 2º Tomo*. Belo Horizonte, Editora Itatiaia Ltda.
- DRUMMOND, José Dias. O Passado Descompassado de Sete Lagoas. Impresso sob os auspícios da Prefeitura Municipal de Sete Lagoas e publicado no 110º aniversário de criação da vila de Sete Lagoas, em novembro de 1977.
- HALL, Stuart. 1994. "Cultural Identity and Diáspora". In *Colonial Discourse and Post-Colonial Theory*. Nova York, Columbia University Press.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1987. "Raça e História". In *Antropologia Estrutural II*. Rio de Janeiro, Editora Tempo Brasileiro.
- MARCONI & LAKATOS. 1996. *Técnicas de pesquisa*. São Paulo, Editora Atlas S.A.
- MARCUS, Georges. 1991. "Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial". *Revista de Antropologia*. São Paulo, USP, número 34, pp. 197-221.
- MEYER, Marlyse. 1996. "Mês do Rosário: Indagações Sobre Congos e Congadas" In: *Caminhos do Imaginário*. São Paulo, Edusp.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História* Rio de Janeiro, ED. Jorge Zahar.
- SANCHIS, Pierre. 2003. "A Religião dos Brasileiros" In, *Teoria & Sociedade. Revista do Departamento de Ciência Política e Sociologia e Antropologia da UFMG*. Belo Horizonte, Número Especial: Passagem de Milênio e Pluralismo Religioso na Sociedade Brasileira.

**10.** Existe uma certa lenda histórica que diz que há muitos anos Nossa Senhora do Rosário apareceu sob as águas do mar. Imediatamente, os congos e os marujos tentaram resgatá-la, mas não conseguiram. Somente os moçambiqueiros, os mais pretos e mais humildes, conseguiram fazer com que a santa viesse até eles.

**11.** (Fonte: encarte da capa do CD "A Festa do Rosário. Serro MG. 1724-2000", produzido por "Nas Montanhas Estúdio" com os congadeiros da região do Serro. Apoio Cultural: Secretaria Estadual de Cultura-Minas Gerais. Patrocinador: Água de Cheiro Ltda).

**11.** Nas palavras do locutor da festa da serra.